

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

A NOMINALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS

IVAN NEVES MARTINELLI

Passo Fundo-RS

2023



IVAN NEVES MARTINELLI

**A NOMINALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM
CRÔNICAS JORNALÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo (UPF) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Letras, sob orientação da prof. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

**PASSO FUNDO – RS
2023**

Meus agradecimentos a Deus pelo dom da vida e por me conceder sabedoria para os estudos e mergulhar no universo da pesquisa científica, aos meus pais Jaime e Olga pelo amor e cuidado que tiveram por mim, à minha esposa Elany, às filhas do coração Amanda e Alana, aos meus colegas de trabalho e amigos, em especial ao diretor do Colégio Tiradentes da Polícia Militar-CTPM-XI, Tenente Coronel PM, Vandrey Marcos Frá e à diretora pedagógica, Claudiana Maria Bressanini pelo apoio nesse período, ao governo do estado de Rondônia e à Secretaria de Estado da Educação-SEDUC, à Faculdade Católica de Rondônia e em especial à minha orientadora prof. Dra. Marlete Sandra Diedrich e a todos professores do PPGL representando a Universidade de Passo Fundo (UPF). Meus sinceros agradecimentos a todos os professores e colaboradores da Universidade de Passo Fundo (UPF).



A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“A NOMINALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS”

Elaborada por

Ivan Neves Martinelli.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 28 de novembro de 2023.
Pela Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marlete Sandra Diedrich
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Iverton Gêsse Ribeiro Gonçalves
Universidade Federal de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Universidade de Passo Fundo

Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

CIP – Catalogação na Publicação

M385n Martinelli, Ivan Neves

A nominalização como estratégia discursiva em crônicas jornalísticas [recurso eletrônico] / Ivan Neves Martinelli – 2023.

716 KB; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Linguística. 2. Crônicas - Crítica textual.
3. Nominalização. I. Diedrich, Marlete Sandra, orientadora.
II. Título.

CDU: 801

Catálogo: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a nominalização como projeto de dizer em crônicas jornalísticas, tendo como objetivo geral analisar de que forma a estratégia de nominalização como recurso argumentativo contribui para a construção do projeto de dizer em crônicas jornalísticas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas. O trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: evidenciar como a nominalização contribui para a textualidade e a sequenciação textual; demonstrar como a nominalização favorece ou não o desenvolvimento da proposta argumentativa do texto e descrever como são utilizadas as estratégias de nominalização para expressar a aproximação ou distanciamento do autor sobre a temática e demonstrar se a estratégia de nominalização contribui para o projeto de dizer em um texto narrativo. Trata-se de uma pesquisa aplicada, quanto à natureza; do ponto de vista de seus objetivos, classifica-se como exploratória; e quanto aos procedimentos é bibliográfica com abordagem qualitativa. Tem-se como pressuposto teórico os estudos acerca do tema empreendidos pelos trabalhos na área da Linguística Textual. Para tanto, foram levados em conta os princípios e conceitos da Linguística Textual e sua contribuição para a compreensão da estratégia de nominalização como um recurso que cada vez mais vem sendo utilizada para progressão textual, discursiva e referencial. Foram analisadas quatro crônicas das quais podemos afirmar que os resultados permitem dizer que a estratégia de nominalização é realmente eficiente no processo de construção do projeto de dizer.

Palavras-chave: Referenciação. Nominalização. Linguística Textual.

ABSTRACT

This dissertation's theme is nominalization as a project of saying in journalistic chronicles, with the general objective of analyzing how the strategy of nominalization as an argumentative resource contributes to the construction of the project of saying in journalistic chronicles with an environmental theme, published in electronic magazines. The work has the following specific objectives: to highlight how nominalization contributes to textuality and textual sequencing; demonstrate how nominalization favors or does not favor the development of the text's argumentative proposal and describe how nominalization strategies are used to express the author's approach or distance from the topic and demonstrate whether the nominalization strategy contributes to the project of saying in a text narrative. This is applied research, in terms of nature; from the point of view of its objectives, it is classified as exploratory; and regarding procedures, it is bibliographic with a qualitative approach. The theoretical assumption is the studies on the topic undertaken by work in the area of Textual Linguistics. To this end, the principles and concepts of Textual Linguistics and their contribution to understanding the nominalization strategy as a resource that is increasingly being used for textual, discursive and referential progression were taken into account. Four chronicles were analyzed and we can say that the results allow us to say that the nominalization strategy is really efficient in the process of building the project of saying. nominalization strategy as a resource that is increasingly being used for textual, discursive and referential progression were taken into account. Four chronicles were analyzed and we can say that the results allow us to say that the nominalization strategy is really efficient in the process of building the project of saying.

Keywords: Referencing. Nominalization. Textual Linguistics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 LINGUÍSTICA TEXTUAL E SEU OBJETO DE ESTUDO	11
2.1 TEXTO: DIFERENTES ABORDAGENS NO DECORRER DA HISTÓRIA.....	13
Quadro 1: A Linguística Textual e seu objeto de estudo.....	15
3. A REFERENCIAÇÃO.....	16
3.1 A REFERENCIAÇÃO NO TEXTO.....	18
3.2 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA REFERENCIAÇÃO	19
3.3 A NOMINALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA.	12
Quadro 2. A referenciação no texto.	25
4 METODOLOGIA	26
4.1 SELEÇÃO DAS CRÔNICAS PARA ANÁLISE.	26
4.2 O GÊNERO CRÔNICA: UM OLHAR PARTICULAR.	27
4.3 PRINCÍPIOS QUE CONDUZEM A ANÁLISE.	28
Quadro 3. Princípios e conceitos.	28
5. ANÁLISE DO FENÔMENO NAS CRÔNICAS	30
5.1 Análise.....	30
Crônica 1.	31
Crônica 2.	34
Crônica 3.	36
Crônica 4.	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
7. REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O estudo do texto tem se tornado foco de muitas pesquisas nos últimos anos, com destaque para aquelas desenvolvidas na área da Linguística do Texto. Nesse sentido, a pesquisa que apresentamos é um estudo do processo de referenciação que envolve o fenômeno das nominalizações em crônicas. Justificamos essa escolha por considerarmos uma investigação importante do campo da Linguística Textual e pela necessidade de explorar um fenômeno que é um dos objetos de estudo dessa ciência e que vem ao encontro dos objetivos relacionados às atividades de leitura, produção e compreensão textual, alinhado à corrente de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso. Além disso, trata-se de uma temática presente em estudos que refletem diretamente no ensino da língua portuguesa, pelo fato de buscar compreender como as estratégias de referenciação, através da nominalização, se comportam nas atividades de escrita e de progressão discursiva. As contribuições de um estudo dessa natureza poderão fornecer aos professores, não só de linguagem, mas também de outras áreas do conhecimento, possibilidade de compreenderem melhor os mecanismos da produção, leitura e compreensão de textos de todas as naturezas e de temáticas variadas. Assim, temos o desejo de aplicabilidade dos resultados na prática de ensino.

Este estudo trata da estratégia de nominalização em crônicas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas, tendo por objetivo geral analisar de que forma a estratégia de nominalização como recurso argumentativo contribui para a construção do projeto de dizer em crônicas jornalísticas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas. O trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: evidenciar como a nominalização contribui para a textualidade e a sequenciação textual; demonstrar como a nominalização favorece ou não o desenvolvimento da proposta argumentativa do texto e descrever como são utilizadas as estratégias de nominalização para expressar a aproximação ou distanciamento do autor sobre a temática e demonstrar se a estratégia de nominalização contribui para o projeto de dizer em um texto narrativo.

Para isso, foram selecionadas como *corpus* quatro crônicas, sendo: *O curupira perdeu a força do mito*; *Eu e o vaga-lume*; *Dia mundial do meio ambiente 2011: a (in)sustentabilidade (pre)dominante e Amazônia: o laboratório do mundo*. Nesses textos estão em evidência a crise econômica e ambiental. Essas crônicas foram selecionadas a partir de uma determinada coletânea publicada na internet, disponível em: www.embrapa.br/amazonia-

oriental/publicacoes, sob o título *Crônicas Ambientais: Ecos da floresta*. Trata-se da percepção do pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Raimundo Nonato Brabo Alves, acerca dos eventos envolvendo a Amazônia.

A escolha do gênero crônica se justifica pelo fato desse gênero textual apresentar linguagem mais dinâmica, acessível e de fácil entendimento do público leitor em geral pelo uso das nominalizações, cumprindo, assim, sua função comunicativa com eficiência.

O tema das crônicas selecionadas é meio ambiente. Assim, a temática dos textos se centra nos efeitos colaterais produzidos pelo emprego de tecnologias contrárias à sustentabilidade, pelas atividades minerais, pela derrubada da floresta, pela destruição dos rios e igarapés e pela expansão desordenada da agropecuária. Este tema, sem dúvida, se coaduna com as necessidades da sociedade atual, com impactos no futuro a médio e a longo prazo.

Uma segunda justificativa para a seleção textual é o fato de a crônica se mostrar um gênero propício como *corpus* de análise da nominalização, pois por meio de referências atreladas à realidade cotidiana, mostra um ponto de vista e conduz o leitor a construir o sentido de acordo com o que pensa o escritor. O interesse nas crônicas também está no fato desse gênero textual assumir o papel narrativo-argumentativo e as expressões nominais se apresentarem como um recurso muito importante na sua constituição.

Uma terceira justificativa é que esse trabalho apresenta um pressuposto teórico que aprimora a habilidade de compreensão, de interpretação na leitura de texto e no ensino de língua portuguesa nas escolas. Isso porque não podemos analisar a organização e a construção do objeto de investigação deste trabalho apenas na perspectiva da estrutura, da sintaxe e da semântica, mas também, devemos considerá-lo, principalmente, como resultado de um processo interacional em que conhecimentos advindos das relações sociais e culturais formam sua essência.

Além disso a referenciação por nominalização tem se mostrado uma estratégia na produção de crônicas narrativas-argumentativas com temáticas variadas publicadas em revistas eletrônicas, mostrando ser uma estratégia que cada vez mais vem sendo utilizada para progressão textual, discursiva e referencial.

Foram escolhidas quatro crônicas como *corpus* de análise, sendo que o tema das crônicas pode nos oferecer um desfilar pela cultura popular amazônica, sobre problemas sociais que dificultam o acesso à cidadania, sobre as belezas do paraíso amazônico e do encontro das águas, hoje mundialmente conhecido e valorizado aos olhares de turistas estrangeiros. Os textos

selecionados constituem um importante documentário sobre os desafios ambientais da Amazônia e sua ocupação demonstrando sérios desequilíbrios ambientais, econômicos e sociais. Os problemas ambientais que ocorrem na maioria das regiões remotas da Amazônia não vêm sendo convenientemente discutidos e levados ao conhecimento da sociedade, de maneira tal que suas consequências venham a ser mitigadas. A riqueza da região em recursos naturais, seu potencial para geração de energia hidroelétrica e a vastidão territorial estimulando a especulação por terras resultam em uma pressão ao meio ambiente sem precedentes.

Diante disso, busca-se analisar, nesses textos, os fenômenos da referenciação, principalmente os casos em que ocorrem as nominalizações.

Têm-se como pressuposto teórico os estudos advindos da Linguística Textual. Nesta investigação, é de fundamental importância a obra *Clássicos da Linguística 1: Referenciação*, organizada por Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues e Alena Ciulla, obra essa que reúne trabalhos de estudiosos renomados internacionalmente como: Danièle Dubois e Lorenza Mondada, com estudos como “Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação”; Denis Apothéloz, com “Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual”; Jean-Claude Milner, com os estudos sobre a “Referência e correferência”; Denis Apothéloz e Catherine Chanet, com “Definido e demonstrativo nas nomeações”; Maria-Elisabeth Conte, com “Encapsulamento anafórico”; e Gill Francis, com “Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais”, dentre outros que contribuirão para nossa pesquisa.

Para tanto, esta dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 2, apresentamos a Linguística Textual e seu objeto de estudo; no capítulo 3, voltamos-nos para o tema da referenciação, com destaque para a estratégia de nominalização, tema de nossa pesquisa, no capítulo 4, apresentamos a metodologia que servirá de guia para nossa investigação, no capítulo 5 apresentamos as análises do fenômeno nas crônicas, no capítulo 6 apresentamos as considerações finais e no capítulo 7 as referências que deram suporte a essa dissertação.

2 LINGUÍSTICA TEXTUAL E SEU OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, serão apresentados alguns aspectos teóricos da Linguística Textual e a especificidade de seu objeto de estudo, o texto, a fim de melhor situarmos o tema de nossa pesquisa neste universo, tendo como recorte teórico e percurso histórico relativo a Linguística Textual. É sabido que não se pode precisar cronologicamente o surgimento dos estudos sobre o texto, mas sabe-se que a Linguística, até por volta dos anos 1970, restringia-se ao estudo entre unidades frasais e que a partir da década de 80 ganha novas perspectivas. Estudiosos como Beaugrande & Dressler, (1981) já mencionavam as múltiplas facetas do texto elencando as multiplicidades de operações cognitivas interligadas nesses procedimentos de decisão, seleção e combinação das estratégias de motivação, produção e compreensão de textos, ao passo que os estudos em Linguística Textual vem pesquisando vários fatores que contribuem para a formação de um texto e também os processos que estão envolvidos desde sociais, cognitivos, interacionais, ideológicos, contextuais dentre outros. Dentre esses estudos, tem lugar as gramáticas textuais.

No início dos anos 70, Koch (2009, p. 6) já apresenta uma nova visão de que o texto é concebido como um sistema linguístico mais elevado, não mais definido como uma sequência de frases organizadas. Consideramos, então, que um texto, para ser considerado como bem construído, deve apresentar um conjunto de características que conduzem a sua elaboração. E essa produção representa, inicialmente, “um sistema uniforme, estável e abstrato” (BENTES, 2012, p. 265), organizado linguisticamente e que, por algum tempo, desconsiderou o contexto ou os indivíduos envolvidos na comunicação.

Segundo Bentes (2012), a Gramática Gerativa¹ trata o texto como um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, de forma coincidente, se uma sequência linguística é ou não um texto, é ou não um texto bem formado. Este conjunto de regras internalizadas pelo falante constitui, então, a sua competência textual. Nesse sentido, Bentes (2012) atribui então que o falante possui a competência de produzir textos coerentes e reestruturá-los de modo a torná-los compreensivos.

Fávero e Koch (2012) condicionam essa capacidade do usuário da língua e justificam a

¹ A teoria linguística chamada Gramática Gerativa tem sido desenvolvida por Noam Chomsky e muitos outros pesquisadores desde 1957. Ela vai se ocupar, privilegiadamente, da sintaxe das línguas, mas não é a sintaxe das línguas seu objeto de estudo. A sintaxe das línguas é apenas um meio para se descrever uma entidade teórica chamada de Gramática Universal. Este é o objeto de estudo da Gramática Gerativa. A Gramática Universal pode ser definida, inicialmente, como os aspectos sintáticos que são comuns a todas as línguas do mundo.

construção de uma gramática textual, cujas tarefas básicas são de verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade, levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto, e diferenciar as várias espécies de textos.

Nessa fase dos estudos, o conceito de texto está vinculado ao estruturalismo, ou seja, “uma sequência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, também reciprocamente, constituem o contexto” (WEINRICH apud KOCH, 2009, p. 7). Nota-se, então, que apenas o que está no texto, a sua constituição, o seu funcionamento, a sua produção e a sua compreensão apresentam significado, o que é externo não é considerado para análise.

Avançando a fase da análise frasal, com o estudo da gramática de texto, por volta de 1980, tem início o terceiro momento dos estudos em Linguística Textual. Tais estudos passam a incluir um exame do contexto (conjunto de condições de produção, recepção e interpretação de textos), bem como passam a privilegiar a dimensão de texto como unidade de análise, não mais a palavra ou a frase isolada, conforme Dias (2012). Dessa forma, o foco é a elaboração de uma Teoria do texto, e o objeto de estudo não é mais um produto acabado, mas um processo que resulta do contexto, do conhecimento e da interação entre os falantes. Essa fase tem três perspectivas, de acordo com Koch (2009): pragmática, cognitivista e sociocognitivo-interacionista.

A partir da pragmática, observam-se os textos não como produtos acabados, mas como resultado da atividade de comunicação com outros usuários da língua, contudo, o texto é percebido fora dos limites impostos pelas estruturas semânticas e sintáticas, é considerado uma estrutura complexa, um instrumento de intenções comunicativas e sociais do falante, conforme Heinemann (apud KOCH, 2009, p. 14).

Seguindo essa ideia, pode-se dizer que a pragmática ganha espaço e credibilidade na atividade de compreensão de textos, ao passo que considera o interlocutor e as suas características de ser e de escrever, que são condições da coerência textual, sendo um dos princípios de interpretabilidade do discurso que levam em consideração os fatores contextuais na construção linguística.

A Linguística Textual, assim, revela-se como um ramo relativamente novo da Linguística, que se relaciona estreitamente com a Análise do Discurso, da qual é

frequentemente usada como sinônimo, e cujo objeto de estudo também é o texto. Surge então esse estudo denominado Análise do Discurso na Europa, mais especificamente na Alemanha, na década de 1960, como resultado de inquietações em torno das perspectivas teórico-metodológicas até então adotadas para a análise de frases e textos. Seu desenvolvimento, como lembra Bentes (2006, p. 246), não foi homogêneo, mas, de uma forma geral, dela pode-se distinguir três fases com preocupações teóricas bastante diversas entre si que são: a análise transfrástica, a gramática de texto e a teoria do texto.

De acordo com Silva (2016), Linguística Textual é um ramo recente da ciência que possui o texto como unidade de análise específica e completa de manifestação da linguagem, se dividindo em três momentos; o estudo das relações existentes entre enunciados em sequência, o estudo da distinção entre um texto coerente e um aglomerado de frases sem ligação e o estudo da compreensão do texto. Esses estudos têm o objetivo de compreender a produção, a construção e a recepção de textos orais ou verbais.

2.1 TEXTO: DIFERENTES ABORDAGENS NO DECORRER DA HISTÓRIA

Para o estudo das tipologias de texto há que se reverem os conceitos de texto e, bem como o conceito de frase, já que durante muito tempo se pensou que o texto é constituído pela soma das frases.

A frase é, então, uma unidade sintático-semântica; e o discurso, conforme Koch (1984 p.22), "uma unidade semântico-pragmática, capaz de produzir efeitos e reações". Assim, "o discurso bem estruturado deve conter implícitos e explícitos todos os elementos necessários à sua compreensão (condições de progressão e coerência), para constituir-se em texto". Todo texto caracteriza-se pela textualidade, rede de relações que faz com que um texto seja um texto e não uma simples somatória de frases.

Sobre o termo "texto", diz Koch (1984) diz ser qualquer manifestação através de um estoque de sinais de um código. Pode designar toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano em um poema, em um romance, em uma pintura, em um filme, etc., isto é, qualquer tipo de comunicação realizada por meio de um sistema de signos (KOCH, 1984, p. 22), incluindo, portanto, outros sistemas não-verbais.

Assim, para Halliday (1973, p.23), "o texto em é uma unidade de língua em uso, unidade semântica: não de forma e sim de significado". Seguindo esse pensamento, o significado é estabelecido pelo uso do texto, independente da forma, mas pelo que se pretende apresentar

como expressão semântica, garantindo assim uma boa interpretabilidade e assimilação dos sentidos globais e periféricos do texto.

Werlich (1975) revela que há autores assumindo uma posição extremada em relação ao conceito de texto. Para os referidos autores, o texto é aceito apenas, em mensagens ou expressões de várias sentenças fixadas pela escrita. Ficariam excluídos os textos transmitidos oralmente e os provérbios ou sentenças populares, bem como os textos de uma única sentença. Mas, é possível contestá-los, argumentando que os textos consistem em qualquer passagem falada ou escrita capaz de formar um todo significativo independente de sua extensão. Não é a extensão que define o texto, mas a continuidade de sentido, de acordo com Koch (1984, p.22), sendo pois: "uma unidade semântico-pragmática, um contínuo comunicativo textual, que se caracteriza, entre outras propriedades pela coerência e coesão, conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto".

Segundo Koch (2021), texto é o resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Os diferentes conceitos e perspectivas de texto são de fundamental importância em nosso trabalho, os quais tematizam a estratégia de nominalização em crônicas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas. Com essa reflexão em torno do texto e os aspectos envolvidos nesses fenômenos, acreditamos que possamos contribuir para o trabalho de ensino de texto na escola, revendo as abordagens atuais de texto e assim poder qualificar gradativamente a postura corrente da prática escolar sobre a produção textual. Não basta, entretanto, ter conceitos novos como referência, se a prática escolar continua funcionando com teorias e modelos ultrapassados.

Pedir aos alunos para escrever uma redação, produzir um texto ou ainda fazer uma composição sem conhecer os incontáveis tipos de “artefatos” envolvidos no denominado texto, é no mínimo ignorar as correntes teóricas e de pesquisas sobre esses fenômenos, a partir das quais abordaremos, no capítulo subsequente, os processos de referenciação, que fazem parte do sentido global de um texto. Ao final da discussão acerca dos conceitos de texto, é necessário organizarmos tais conceitos de forma mais didática e resumitiva, porque entendemos ser possível, a partir do seguinte quadro, deixarmos nosso percurso teórico mais claro.

Quadro 1: A Linguística Textual e seu objeto de estudo

1 Linguística Textual é um ramo recente da ciência que possui o texto como unidade de análise específica e completa de manifestação da linguagem, se dividindo em três momentos; estudar as relações existentes entre enunciados em sequência, a distinção entre um texto coerente e um aglomerado de frases sem ligação e a compreensão do texto.

2 O objeto de estudo da Linguística Textual é o texto e os processos que estão envolvidos em sua produção, desde os sociais, cognitivos, interacionais, ideológicos, contextuais dentre outros.

3 Texto é o resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Fonte: Elaborado pelo mestrando (2022).

De posse desse quadro resumitivo, passamos ao capítulo 3, o qual apresentará a especificidade de nosso estudo: a nominalização no escopo da estratégia de referenciação.

3. A REFERENCIAÇÃO

Em nosso trabalho, após situarmos a Linguística Textual e o seu objeto de estudo, coube-nos, neste capítulo, dedicarmo-nos ao processo de referenciação. Para tanto, buscamos, inicialmente, nos autores da área, um conceito que possa nos guiar, para, depois, delimitarmos seu papel no texto. Dentro do universo da referenciação há um enorme campo de estudos, porém cabe-nos debruçar sobre o fenômeno das nominalizações.

Assim, conforme Prince (1981), a referenciação é concebida como uma atividade discursiva que consiste na construção e reconstrução de objetos-de-discurso² pela retomada de elementos no texto. Nesse sentido, a referenciação, segundo o autor (1981), propõe a construção de um modelo textual, no qual estão envolvidas, enquanto operações básicas, os seguintes princípios: 1. Ativação: mecanismo pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de um mundo textual: a expressão linguística que o “representa” permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica saliente no modelo; 2. Reativação: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente (o nóculo continua em foco); 3. Desativação: ativação de um nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado.

Sabe-se que há algumas técnicas que contribuem no processo de escrita e que são importantíssimas para a coesão textual. Pode-se elencar alguns fatores que colaboram para uma escrita coesa e sucinta, livre de termos desnecessários e até mesmo de repetições que não agregam mais informações ao que se pretende dizer. Muitas vezes redigimos um texto e, quando o releemos, observamos que fomos prolixos, repetitivos, e tais vícios prejudicam em muito a compreensão, tornando a leitura enfadonha, cansativa. Um dos fatores que podem nos auxiliar no momento da construção de um texto é justamente a referenciação.

² Na concepção sociocognitiva e interacional de língua, o conceito de objeto de discurso se dá quando o referente é, nessa perspectiva, uma criação que vai se reconfigurando não somente pelas pistas que as estruturas sintático-semânticas e os conteúdos lexicais fornecem, mas também por outros dados do entorno sociodiscursivo e cultural que vão sendo mobilizados pelos participantes da enunciação. (CAVALCANTE; PINHEIRO; LINS; LIMA, 2010)

Possuímos um grande material linguístico construído desde a mais tenra idade à nossa disposição e, certamente, ao longo de nossas vidas, serão incorporadas a ele novas palavras e expressões, oriundas de nossas interações linguísticas. De acordo com Perez (2022), esse acervo será utilizado em diversos momentos, tanto na fala quanto na escrita.

Recorremos a ele frequentemente e dele extraímos o que queremos utilizar em um dado momento de nossas atividades discursivas. Sem refletirmos muito sobre o porquê de nossas escolhas, resgatamos cuidadosamente as palavras para sermos compreendidos tal qual esperamos, pois, o uso de um vocábulo inapropriado pode gerar uma infinidade de significações, levando a uma interpretação errônea do nosso projeto de dizer. Vale ressaltar que a análise do discurso – ramo da linguística que se dedica também, mas não só, ao estudo das intenções da fala e da escrita, mostra-nos quão complexas são as interações verbais e que nossas escolhas podem evidenciar nossas crenças, nossa cultura e nossa visão de mundo.

Segundo Perez (2022), a referenciação faz parte do processo de organização global de um texto e, dentre esses processos, destacam-se aqueles que se dão por meio da anáfora e da catáfora. Resumidamente, pode-se dizer que as anáforas dizem respeito ao resgate dos termos que foram previamente explicitados em um texto, ao passo que as catáforas são referências feitas sobre aquilo que ainda será exposto no texto, resultando, assim, em dois movimentos, respectivamente regressivo e progressivo. As anáforas e catáforas estão presentes em nosso discurso e ocorrem com uma frequência bem maior do que imaginamos. Acontecem em qualquer tipo de interação verbal, até mesmo nos eventos de fala mais corriqueiros. Não é preciso ser grande entendedor de Gramática para apropriar-se dos recursos que a Língua permite utilizar.

Observemos o exemplo a seguir:

“Márcia acordou às cinco da manhã daquela segunda-feira e seguiu rumo à estação do metrô. A garota esperou durante vinte minutos e era aquilo que estava à sua espera: um vagão lotado, inexplicavelmente habitado por centenas de trabalhadores que se abarrotavam naquele lugar à procura de qualquer mínimo espaço.”

Nossa proposta é o estudo das nominalizações, mesmo que fazendo uma leitura cuidadosa do trecho, encontramos alguns exemplos que podem ilustrar os conceitos de anáfora e catáfora. O termo “a garota” faz referência a um termo exposto anteriormente, nesse caso, o substantivo próprio “Márcia”. Posteriormente, podemos observar outra anáfora, dessa vez o termo “naquele lugar”, que retoma o termo “vagão lotado”. Quanto à catáfora, ela está

evidenciada pelo pronome “aquilo”, que fará referência a um termo ainda não expresso, que é representado pela expressão “um vagão lotado”.

Considerando esses aspectos referentes à coesão textual, pode-se adotar tais recursos como um dos elementos que garantem a construção de um texto, constituído por ideias claras e por uma sequenciação lógica de eventos, mesmo que esses não sejam lineares, mas que consiga efetivar o projeto de dizer.

3.1 A REFERENCIAÇÃO NO TEXTO

O processo de referenciação é um recurso textual-discursivo importante para a configuração dos sentidos textuais. Segundo Custódio Filho (2011), ela se constitui, portanto, como um processo responsável pela orientação argumentativa dos enunciados, uma vez que, através do desenvolvimento dos mecanismos de referenciação, categorizamos e recategorizamos o mundo que experienciamos, construindo textualmente os sentidos que vivenciamos. Além das expressões referenciais, há outras pistas linguísticas, como as predicacões, que auxiliam na construção da referência.

Nesta pesquisa, partiremos da hipótese de que os Processos de Referenciação são mecanismos textuais imprescindíveis para a (re)construção e (re)elaboração dos sentidos de um texto, de modo que, adotamos uma abordagem de Referenciação equivalente a de “processo”, na qual, os referentes são vistos como objetos do discurso, que se apoiam e surgem no interior de bases cognitivo- discursivas.

A questão da referência é um termo clássico da filosofia da linguagem, da lógica e nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema da representação do mundo, de verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo). A questão da Referenciação opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. (Mondada 2001, apud KOCH, 2005, p. 34).

Nesse sentido, nota-se que é no interior dessas operações que os interlocutores elaboram os objetos de discursos, ou seja, as entidades não devem ser vistas como expressões referenciais que denotem os objetos do mundo e sim como entidades produzidas pelos participantes na interação verbal. Com respaldo nesse pressuposto teórico, o importante é compreendermos “o que fazemos com a linguagem, o que a linguagem permite em termos de construção conceptual do mundo, como nossos comportamentos e nossas necessidades levam a um tipo de interação linguística com o mundo” (ARAÚJO, 2004, p. 198). O leitor/produtor de texto(s) instaurado

como sujeito social sempre utiliza(rá) os referentes textuais de acordo com suas atitudes, ideias, crenças e pontos de vista; e em seus textos procura(rá) defender os valores construídos em torno das coisas mundanas e da sua relação com (no) mundo em que vive. Nesse sentido, em nossa pesquisa, a referenciação é considerada, conforme (KOCH, 2002, 2004, 2005, 2009, 2010), uma “atividade discursiva” na qual a língua é criada numa instância comunicativa em que os sujeitos aplicam seus conceitos às expressões linguísticas e não linguísticas transformando-as em objetos de discurso.

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados e coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas dos sujeitos em função de um querer-dizer. (KOCH, 2005, p. 34-35).

Para Marcuschi (2001), o processo referencial é melhor caracterizado como interativo. Mas a interação supõe a presença de algo comum, por exemplo cultura, crenças, língua, contextos situacionais e outros aspectos mais.

Então, ao falar ou produzir textos, os interlocutores instaurados como sujeitos sociais, na verdade, estão textualizando o mundo, de modo que, a noção de língua não está centralizada apenas no código, contribuindo assim, para a construção/reconstrução dos referentes textuais.

3.2 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA REFERENCIAÇÃO

A proposta teórica da referenciação é um dos assuntos mais importantes de investigação da Linguística Textual. Nesse contexto, Mondada e Dubois (2003) descartam a visão que concebe a língua como um sistema de etiquetas, em que as palavras representariam objetivamente a realidade. Conforme esse ponto de vista, o papel dos interlocutores seria realizar escolhas linguísticas que melhor se adequassem às entidades do mundo. Em oposição a este ponto de vista, as autoras, Mondada e Dubois (2003) preconizam uma reflexão de crivo interacionista, segundo a qual há uma instabilidade constitutiva entre as palavras e as coisas. Ou seja, a referenciação é fruto de um processo de negociação entre sujeitos, que, durante o processo de interlocução, agem, de modo efetivo, na construção de versões do real, a partir de um trabalho sociocognitivo.

A partir dos pressupostos basilares de Mondada e Dubois (2003), diversos estudiosos, como Koch e Elias (2018), Cavalcante (2012) e Custódio Filho (2011), têm desenvolvido suas pesquisas. Os autores assumem, portanto, que a referenciação consiste em uma atividade discursiva, em que os enunciadores se engajam para a construção dos sentidos textuais. Essa

abordagem evidencia que a ação de referir é um processo dinâmico que envolve aspectos linguísticos, sociais, cognitivos e discursivos, mobilizados pelos sujeitos durante a prática de interação, concepção à qual nosso trabalho se filia. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) explicam que, no processo de referenciação, tem-se a construção de referentes, ou objetos de discurso, que são a representação construída na mente dos interlocutores de uma entidade em função do texto, realizada de maneira intersubjetiva. Os referentes, geralmente, são manifestados formalmente na superfície textual por meio de estruturas linguísticas específicas, denominadas de expressões referenciais. Essas estruturas podem ser constituídas de sintagmas nominais, de sintagmas pronominais em função substantiva ou de sintagmas adverbiais. O dinamismo da proposta teórica da referenciação se assenta em três características fundamentais (MONDADA; DUBOIS, 2003; CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE, 2012): 1) a instabilidade do real; 2) a negociação entre os interlocutores; 3) a natureza sociocognitiva dos referentes. A partir desses três princípios, verifica-se que a construção dos referentes é resultante de uma relação entre os elementos sociais e os aspectos cognitivos, de maneira que a natureza instável do real é uma propriedade inerente aos objetos de discurso, a qual se relaciona com a natureza eminentemente intersubjetiva das práticas interativas. Assim sendo, os sentidos textuais se constroem na própria situação de interação entre os enunciadores, os quais realizam escolhas discursivas de acordo com aquelas que considerem que sejam as mais pertinentes para a concretização do seu projeto argumentativo.

3.3 A NOMINALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA

Nos processos referenciais, destaca-se a nominalização como estratégia discursiva no corpo do texto, para garantir a sequência textual e contribuir com a retomada e a progressão textual. Nesse sentido, no estudo da referenciação, Koch (1998) propõe que se incluam entre os casos de introdução ancorada de objetos de discurso as chamadas nominalizações ou nomeações; tal como defendidas por Apothéloz (1995). Segundo Apothéloz (1995), a nominalização é uma operação discursiva que consiste em referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, anteriormente, não tinha o estatuto de entidade. Assim a nominalização designa um fenômeno geral de transformação de proposições em entidades. Nesse caso, apenas para esclarecimento, o encapsulamento anafórico é um recurso de coesão textual, enquanto a nominalização é uma estratégia discursiva no texto.

Contudo, o uso de expressões nominais na recategorização de objetos de discurso, ou mesmo na reconstrução do projeto de dizer do enunciador, desempenha um papel importante

na constituição textual, como bem mostra Francis (1994), o qual afirma que as formas remissivas nominais têm, frequentemente, uma função organizacional decisiva no texto. Segundo Francis (1994), as expressões nominais sinalizam que o autor do texto está passando por um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal. Essas formas desempenham, portanto, um importante papel na mudança ou desvio de tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos. Ou seja, elas introduzem mudanças ou desvios do tópico, preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova dentro do quadro da informação dada. Desta forma, são responsáveis simultaneamente pelos dois grandes movimentos de construção textual: *retroação e progressão*.

Nesse sentido, pode-se inferir ou confirmar que os referentes são objetos de discurso, pois são construídos sócio-cognitivamente no seio da interação, visto que são dinâmicos, transformam-se e reconstróem-se constantemente no decorrer da interação. No entanto, a referenciação no discurso ou nas demais atividades de produção de sentidos, constitui uma construção de cunho sociocognitivo e interacional.

No processo de rotulação e nas operações de categorização e recategorização de referentes, fica evidente o caráter subjetivo/argumentativo das escolhas feitas. A esse respeito, Koch (2008, p. 110) afirma:

Pode-se certamente afirmar que tanto a categorização como a recategorização de um objeto-de-discurso têm função argumentativa. Ao recategorizar um objeto já categorizado anteriormente, o locutor o apresenta sob novas luzes, enquadra-o em novas categorias, procurando chamar a atenção para novas qualidades/propriedades deste que considera necessário enfatizar para a realização de seu projeto de dizer.

No caso de o rótulo retrospectivo ser constituído de um nome deverbal, associado a um verbo presente no enunciado anaforizado, esta função argumentativa fica atenuada, em proveito de uma função mais coesiva na progressão textual. Aliás, Zamponi (2003, p. 199) enfatiza bem essa ideia, afirmando que as nominalizações, bastante similares às rotulações no que tange ao processo discursivo aí implicado, talvez constituam o fenômeno anafórico que mais deixa à mostra, no texto escrito, os bastidores da construção de objetos-de-discurso pela atividade referencial. Com efeito, quando um sintagma nominal transforma em referente ao processo denotado por uma proposição, que, obviamente, não tinha esse estatuto anteriormente, testemunha-se claramente a operação discursiva da referenciação. Não é à toa que a própria denominação – nominalização – indica um processo.

Apothéloz (1995/2003) defende que a nominalização ocorre quando um sintagma nominal transforma em objeto de discurso uma proposição previamente apresentada como referente. A partir desse ponto de vista, a nominalização é entendida como um processo discursivo, não obstante o termo “nominalização” referir-se tanto ao processo quanto ao nome nuclear da expressão nominalizadora. A fim de eliminar esse conflito, Apothéloz & Chanet (1997/2003) reservam o termo “nominalização” exclusivamente à operação discursiva, ao passo que ao nome nuclear da expressão que marca tal operação os autores denominam “substantivo-predicativo”. O conjunto de elementos linguísticos que compõem o conteúdo da predicação antecedente ou subsequente, objeto da nominalização, é denominado “informação-suporte”.

Pelas ilustrações utilizadas em Apothéloz & Chanet (1997/2003, p. 132-133), para exemplificar o que os autores chamam de nominalização, percebe-se que se trata mais de um processo de transformação do núcleo do predicado das informações-suporte em um nome derivado dele. Em outras palavras, o substantivo-predicativo é um nome morfológicamente derivado do verbo nuclear do referente encapsulado. Essa transformação é claramente observada nos três primeiros exemplos de que os autores lançam mão:

“A polícia local de Schwytz prende um suposto falsificador de dinheiro. (...) A prisão aconteceu em colaboração com a Interpol (Le Matin 1-6- 1994).”

“Os sérvios da Bósnia anunciaram ontem que eles iriam fechar a única estrada que permite aos civis, há quatro meses, entrar e sair de Sarajevo. Segundo a porta voz das Nações Unidas, Claire Grimes, o fechamento da estrada deverá sobrevir a partir de hoje (L’Express, 27-7-1994).”

“O Dicionário da Academia é, pela primeira vez, publicado em edição de bolso (de A a Z; estando o segundo volume previsto para 1996, e o terceiro, para 1999). Esta publicação coincide com um aniversário, porque foi em 24 de agosto de 1694 que uma delegação da Academia francesa remeteu ao rei dois volumes da primeira edição de seu Dicionário (Le Monde des débats, junho de 1994).”

Seria imprudente negar que em casos como esses, em que “prisão” retoma “prende”, “fechamento” retoma “iriam fechar” e “publicação” retoma “é publicado”, a função sumarizadora e encapsuladora fica evidente. Aliás, de acordo com Koch (2001, p. 77), as nominalizações “sumarizam as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de um substantivo-predicativo e transformando-as em objetos-de-discurso”.

Essa função encapsuladora permite que as nominalizações atuem na organização do texto, no sentido de estabelecer ligações coesivas; e no processamento cognitivo, permitindo ao receptor do texto um acesso mais simplificado à informação dada, uma vez que a informação nova é veiculada por um nome derivado do verbo de uma proposição previamente dada, operando, nas palavras de Schwarz (2000), “uma tematização-remática”. Quanto a essa propriedade, também comum às rotulações, Francis (1994/2003, p. 200) afirma: “Ele [o rótulo] funciona para trás e para frente: para trás para encapsular e reintroduzir como dada a situação descrita no parágrafo precedente; e para frente para avaliá-la”.

De fato, a rotulação tem sido considerada como uma eficaz estratégia textual-discursiva no desenvolvimento dos textos. Assim, uma construção nominal encapsula uma porção textual oracional, categorizando-a sob determinado rótulo, e fazendo o texto progredir numa direção argumentativa.

Mesmo no emprego de rótulos mais ‘neutros’, observa-se uma tomada de posição, ou, nas palavras de Koch (2008, p. 108), “há sempre uma escolha e esta será sempre significativa em maior ou menor grau”. Já Francis (1994/2003, p. 211) encara a rotulação como um recurso de coesão textual, mas não deixa de mencionar o poder dos rótulos retrospectivos ao “adicionar algo novo ao argumento indicando a avaliação do escritor das proposições que eles encapsulam”.

Conforme visto, a progressão referencial se dá por meio de várias estratégias de referenciação. Contudo, destaca-se a atividade de rotulação apresentada por Francis (1994/2003) pela qual uma expressão nominal opera o encapsulamento de porções precedentes ou subsequentes do co-texto, de extensão igual ou maior que a oração. Assim, como já se observou, as rotulações são formas nominais bastante atípicas, pois não representam casos-padrão em que anaforizantes e anaforizados são de natureza nominal, como no exemplo a seguir:

“Da Vinci e Michelangelo deixaram seus nomes marcados na história da arte. As obras desses fenomenais artistas demonstram a inferioridade da arte contemporânea”.

Nesta sequência, tem-se um sintagma nominal “*esses fenomenais artistas*”, que remete a “Da Vinci e Michelangelo”, estabelecendo uma relação direta entre o elemento anafórico e o anaforizado. O funcionamento dos rótulos obedece a uma dinâmica diferente. Francis (1994/2003, p. 211) afirma que, como conectores e organizadores do discurso escrito, os rótulos

operam a “substituição” de uma ou mais orações, por meio dos movimentos retrospectivo (anafórico) e prospectivo (catafórico).

Segundo Conte (2003), a referenciação encapsuladora é totalmente dependente do cotexto, o que não significa que esse tipo de anáfora seja veiculadora de informações velhas. Para a autora, os encapsulamentos anafóricos são introdutórios de um novo referente discursivo que se torna argumento de predicacões posteriores; o próprio núcleo do SN encapsulador é novo, pois não figura no cotexto. A referenciação anafórica encapsuladora se apresenta também como um recurso que atua na “categorização e hipostasiação de atos de fala e de funções argumentativas no discurso” (CONTE, 2003, p. 187).

Por meio da hipostasiação, os objetos são “reavaliados, ressignificados, recategorizados marcando uma mudança de nível, uma condensação da informação” (CONTE, 2003, p. 183), promovendo (argumentativamente) uma requalificação do objeto-de-discurso ao qual se referem. Isso pode ser observado no exemplo analisado acima, em que o SN esse crédito eleitoral só pode ser compreendido por meio da categorização e recategorização do verbo ganhar que, sendo nominalizado, passa ao nome ganho, o qual possibilitou o encapsulamento da porção textual por esse crédito eleitoral (eleitoral devido ao fato de ter sido mencionado, inclusive ironicamente, pelo governo do estado sob a forma de manipulação de dados sobre uma pesquisa de segurança em São Paulo).

Pode-se observar que tanto a nominalização quanto a rotulação envolvem os processos referenciais e isso mostra o dinamismo desse processo na construção discursiva de um texto, colaborando, conforme sua adequação, ao que se pretende dizer e como dizer o que se quer dizer. Em nossa investigação, as ocorrências de rotulação serão analisadas como pertencentes ao grande quadro das nominalizações, com destaque para a função que exercem.

Após nos dedicarmos à discussão sobre a referenciação, e, mais especificamente, sobre a nominalização, sintetizamos os principais conceitos abordados neste capítulo a fim de melhor compreendermos essas estratégias conforme exposto no quadro seguinte.

Quadro 2. A referenciação no texto

1. O processo de referenciação é uma atividade discursiva que consiste na construção e reconstrução de objetos de discurso caracterizada pela retomada de elementos no texto.
2. A referenciação consiste em uma atividade discursiva em que os enunciadores se engajam para a construção dos sentidos textuais e se assenta em três características fundamentais: I) a instabilidade do real; II) a negociação entre os interlocutores; III) a natureza sociocognitiva dos referentes.
3. A nominalização é uma operação discursiva que consiste em referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, anteriormente, não tinha o estatuto de entidade.
4. As nominalizações são recursos que organizam o discurso e contribuem para o projeto de dizer do enunciador.

Fonte: Elaborado pelo mestrando (2022).

Mediante o exposto até aqui, cabe-nos agora, apresentar, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, para nortear os rumos trilhados nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Depois de apresentar os elementos teóricos que conduzem este trabalho acerca do tema da referenciação, e, mais especificamente, da nominalização, buscamos neste capítulo apresentar os procedimentos metodológicos usados para esta pesquisa.

A pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 51), é pesquisa básica; quanto aos objetivos, é descritiva; quanto aos procedimentos, a investigação envolve pesquisa bibliográfica e documental, uma vez que se volta às crônicas, entendidas como documentos de primeira mão por não terem ainda recebido tratamento anterior com abordagem qualitativa.

Por se tratar de uma pesquisa focada em fenômenos da Linguística Textual, mais especificamente, na referenciação por nominalizações, este trabalho também busca cumprir uma função social, que é a análise de textos com temáticas cada vez mais urgentes de serem discutidas, estudadas e debatidas, como o é a pauta do meio ambiente, a qual se constitui de elementos, textos mobilizados e que circularam na mídia. Nesse sentido, a proposta inclui textos para análise, os quais, de alguma forma, discutam ou apresentem problemas ambientais vivenciados pela população brasileira, de modo mais específico as da região amazônica que estão mais ligados às questões ambientais dos últimos tempos.

4.1 SELEÇÃO DAS CRÔNICAS PARA ANÁLISE

Para análise dos fenômenos apresentados nesta pesquisa, foram selecionadas como *corpus* quatro crônicas, sendo: *O curupira perdeu a força do mito*; *Eu e o vaga-lume*; *Dia mundial do meio ambiente 2011: a (in)sustentabilidade (pre)dominante e Amazônia: o laboratório do mundo*. Nesses textos estão em evidência a crise econômica e ambiental. Essas crônicas foram selecionadas a partir de uma determinada coletânea publicada na internet, disponível em: www.embrapa.br/amazonia-oriental/publicacoes, sob o título *Crônicas Ambientais: Ecos da floresta*. Trata-se da percepção do pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Raimundo Nonato Brabo Alves, acerca dos eventos envolvendo a Amazônia. A coletânea de textos representa uma importante discussão na internet e em diversos sites, no período de 2009 a 2014, com grande repercussão pelos numerosos comentários e compartilhamentos. *Crônicas Ambientais* é uma coletânea de textos que registram fatos históricos, os quais, de modo um tanto agressivo, vêm alterando o meio ambiente regional. Tendo em vista que os comentários do autor servem de alerta para as necessárias mudanças de

comportamento da sociedade, além de um chamamento para uma conscientização coletiva em busca de sustentabilidade e proteção do meio ambiente.

4.2 O GÊNERO CRÔNICA: UM OLHAR PARTICULAR

Os gêneros surgem como resultado das manifestações linguísticas entre os indivíduos e, segundo Bakhtin (2011), refletem o meio social e cultural, ou seja, constituem efeito de sua própria origem onde é produzido. O gênero textual que interessa a este estudo, a crônica, é resultado da visão que o seu escritor tem do cotidiano que vive com a intenção de apresentar suas visões sobre fatos ambientais ocorridos na região amazônica e veiculando-os em meio digital.

Sob a perspectiva histórica, a crônica surge na Idade Média "como uma espécie de texto de que se utilizavam os cronistas para organizar os documentos e as narrativas sobre a história do Reino, em ordem cronológica" (DUTRA; COELHO; CAMPOS, 2012, p. 2807). Contudo, inicialmente, tratava-se de um relato com objetivo histórico. No Brasil, o primeiro registro desse gênero é a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão português, responsável por descrever as primeiras impressões desde a chegada ao Brasil, em 1500, ao rei D. Emanuel, a qual continha as descrições da nova terra descoberta.

O autor, em uma narrativa poética, descreve, por meio de impressões pessoais, o novo mundo encontrado. Com o passar do tempo, a crônica tem sua circulação pelo jornal, acompanha o processo histórico, ganhando um cunho político e social, elaborada, então, por grandes escritores que se comunicavam com seu público, através das publicações em editoriais.

Dessa forma, com espaço garantido nos jornais, a crônica, conforme assegura Lima, (2001, p. 139), "é uma forma narrativa que se apoia na temporalidade, vale dizer, na sucessão de acontecimentos e na transformação, no decurso do tempo, dos fatos relatados".

Ainda, segundo Lima (2001, p. 139) afirma que

Os fatos são considerados óbvios e corriqueiros, podendo ser uma notícia de jornal, uma conversa, que o cronista utiliza como pretexto para compor seu texto. É um modo particular, privilegiado de observar a realidade e escrever sobre ela. Apresenta características como humor, tons de ironia que divertem o leitor, mas também proporcionam uma dada reflexão, sugerindo uma visão ampla, com perspectivas diversas acerca da temática apresentada.

Dessa forma, pelo viés da crônica o leitor percebe com mais abrangência um fato cotidiano que considera banal.

Assim, esse gênero se mostra como um instrumento de interação entre leitor e escritor, visto que está composto em um texto relativamente curto com linguagem simples que atrai, diverte e conduz o leitor à reflexão, além de contribuir para a formação crítica do leitor.

Após situarmos o gênero textual e suas características, daremos sequência às questões metodológicas que nos guiam, explicitando os princípios que conduzem a análise. Apresentamos também as crônicas que serão analisadas.

4.3 PRINCÍPIOS QUE CONDUZEM A ANÁLISE

A metodologia adotada nesse trabalho consiste em realizar comentários sobre gênero textual e, especificamente, sobre crônica, gênero escolhido como *corpus* para a análise nesta pesquisa, demonstrando sua funcionalidade, suas características, sua abordagem e o seu uso. Para fins de análise, apresentamos os textos por meio de quadros. Em seguida, expomos, da mesma forma, a natureza das nominalizações e as respectivas funções exercidas no texto. A análise ocorre da seguinte forma:

- a) apresentação do texto;
- b) comentários sobre o texto, considerando seu tema, assunto e sentido;
- c) seleção das nominalizações presentes no texto;
- d) análise das nominalizações, considerando a teoria que embasa esta pesquisa;
- e) construção do sentido pelo uso da nominalização no texto.

Para fazer a análise, levemos em conta os pressupostos teóricos propostos e anteriormente discutidos, buscando segui-los. Organizamos, no quadro a seguir, os princípios e conceitos sobre os quais nos apoiamos para a análise das ocorrências dos fenômenos nas crônicas.

Quadro 3. Princípios e conceitos

NOMINALIZAÇÃO	
Quanto à natureza	Quanto à sua função
1 Expressão nominal de categorização e recategorização	1 Tem função organizacional importante, pois elas sinalizam que o autor do texto está passando por um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal.

2 Rotulação ou expressão nominal que opera no encapsulamento de porções precedentes ou subsequentes do co-texto.	2 Funciona como conector e organizador do discurso escrito. Os rótulos operam na “substituição” de uma ou mais orações, por meio dos movimentos retrospectivo (anafórico) e prospectivo (catafórico).
3 Expressão nominal com valor avaliativo	3 É a forma nominal que marca o engajamento do autor e o seu grau de crença no discurso, apresentando valores ideológicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Conforme o exposto, dedicaremos nossos esforços para apresentarmos nossas análises no capítulo 5.

5. ANÁLISE DO FENÔMENO NAS CRÔNICAS

Buscamos, neste capítulo, proceder a análise das crônicas selecionadas. Para tanto, explicitamos os princípios que nos guiam. Lembramos que nosso corpus é constituído por quatro crônicas jornalísticas com temática ambiental, publicadas em revista eletrônica: Crônicas Ambientais: Ecos da floresta, disponível em: www.embrapa.br/amazonia-oriental/publicacoes. Também recordamos que nosso objetivo geral é analisar de que forma a estratégia de nominalização como recurso argumentativo contribui para a construção do projeto de dizer em crônicas jornalísticas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas. O trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: evidenciar como a nominalização contribui para a textualidade e a sequenciação textual; demonstrar como a nominalização favorece ou não o desenvolvimento da proposta argumentativa do texto e descrever como são utilizadas as estratégias de nominalização para expressar a aproximação ou distanciamento do autor sobre a temática e demonstrar se a estratégia de nominalização contribui para o projeto de dizer em um texto narrativo. Sendo assim, são analisadas as ocorrências que mais contribuem para o projeto argumentativo do texto, sem pretensão de discutirmos todos os casos de nominalização percebidos nas crônicas.

Para apresentação da análise realizada, organizamos o texto da seguinte forma:

- A) Comentários acerca da temática da crônica e da sua veiculação;
- B) A crônica;
- C) Identificação de algumas nominalizações que ajudam a exemplificar os fenômenos no texto e discussão com base nos elementos apresentados no quadro anterior e os sentidos criados por essa estratégia na produção das crônicas.

5.1 Análise

A crônica 1 apresentada é um texto publicado em uma coletânea de crônicas publicadas em revistas digitais na internet com objetivo de discutir problemas ambientais que ocorrem na Região Amazônica brasileira. O texto tem um apelo ambiental muito forte e leva o leitor a questionar, analisar o ponto de vista do autor e a entender um pouco da dinâmica sobre a proteção ambiental e da biodiversidade amazônica e ainda incorporar uma visão pessoal do autor sobre o tema.

Essa crônica apresenta uma visão irônica sobre um personagem do folclore amazônico, o Curupira, chamado também de “Pai da Mata”, cuja função é assustar e amedrontar quem abusa dos recursos da floresta e das espécies zoológicas da floresta.

Quando o autor faz essa analogia de que o Curupira perdeu a força que outrora tinha, representada nos mitos e lendas amazônicos, deixa-nos uma impressão de que o principal responsável pela proteção da floresta já não tem o poder de proteger os recursos naturais e com isso, essa entidade mitológica perdeu a razão de existência perante o desrespeito e a ação predatória de muitos criminosos que invadem as florestas sem ter o que temer. O texto ainda faz uma analogia ao fato de o Congresso Nacional aprovar o Novo Código Florestal anistiando muitos grupos criminosos que usurparam as riquezas do bioma amazônico, dando a entender que isso seja mais uma forma de demonstrar ironicamente a perda do poder mitológico do Curupira.

Crônica 1

O curupira perdeu a força do mito	
1	O Curupira é uma entidade mitológica do folclore brasileiro, tão antiga que o Padre
2	José de Anchieta já o citava em 1560. Sua lenda alerta ao povo brasileiro sobre a
3	proteção das matas e dos animais. Dizem que ele emite assovios horripilantes para
4	assustar e confundir caçadores que não respeitam o período de procriação dos animais
5	e caçam além do que necessitam para se alimentar, além de proteger as florestas dos
6	lenhadores que derrubam árvores de forma predatória. O Curupira tem os pés virados
7	para trás para confundir com suas pegadas os malfeitores que, ao segui-lo, afastam-se
8	cada vez mais para o centro da floresta e são confundidos com ilusões que os deixam
9	perdidos e enlouquecidos.
10	No tempo de José de Anchieta, eram apenas os caçadores e lenhadores. Hoje, além
11	deles, são madeireiros, barrageiros, mineradores, garimpeiros, agronegociadores e
12	principalmente legisladores. Se o Curupira como entidade da floresta não conseguiu
13	inspira-los, já perdeu há muito seu poder de proteção contra os demais atores de
14	destruição da floresta, tanto da Mata Atlântica quanto da Amazônia.
14	O Curupira perdeu feio a batalha no Congresso Nacional com o novo texto do Código
16	Florestal, aprovado em primeira instância na Câmara e no Senado. O “novo código”,
17	cujas emendas ameaçam as Áreas de Preservação Permanente e as matas ciliares e
18	anistia os desmatadores que em desrespeito à lei não preservaram suas

19 reservas florestais, constitui-se em retrocesso segundo a comunidade científica e de
20 ecologistas, preocupados com os crescentes desequilíbrios ambientais.

21 Na floresta propriamente dita, o Curupira já não tem mais poder para confundir e
22 demover de seus objetivos os barrageiros, que com o início das obras de Belo Monte
23 anunciaram o início da construção de dezenas de barragens na Amazônia. Hoje é crítica
24 a cheia do Rio Madeira entre o conflito de interesses dos consórcios de Santo Antônio
25 e Girau, inundando e isolando a cidade de Porto Velho e municípios vizinhos, no
26 Estado de Rondônia. Outras barragens estão sendo construídas, removendo centenas
27 de comunidades indígenas e tradicionais de suas terras e inundando milhares de
28 hectares de solo e floresta, com toda a sua biodiversidade ainda desconhecida.

29 Não tem mais poder o Curupira de impedir o avanço do agronegócio de monocultivos
30 sobre as pequenas propriedades de agricultores familiares que, ao vendê-las a preços
31 aviltantes aos grandes grupos empresariais, tornam-se assalariados dessas empresas,
32 comprometendo a cadeia produtiva de inúmeros cultivos como a mandioca, produto
33 altamente ligado à cultura amazônica, provocando a instabilidade de oferta e de preço
34 como no ano anterior, comprometendo a segurança alimentar da região.

35 O Curupira há muito não consegue mais confundir os garimpeiros e mineradores que,
36 com equipamentos mais sofisticados, multiplicam por muitas vezes a velocidade de
37 exploração dos minerais da Amazônia a ponto de suplantar a capacidade de degradação
38 natural de seus rejeitos tóxicos, transferindo como herança para as futuras gerações
39 verdadeiros “cemitérios” de metais pesados nas proximidades da maior bacia
40 hidrográfica do planeta.

41 Os mitos e lendas da Amazônia, tal como o Curupira, vêm sendo triturados e liquefeitos
42 pelas serras, turbinas, fornos e engrenagens que nos últimos 50 anos promovem o
43 “desenvolvimento” da Amazônia. Quanto mais se fala em sustentabilidade, a
44 impressão que fica é a de que menos se pratica. Espero que haja tempo para uma
45 reflexão da sociedade sobre o futuro que queremos, para que nossos mitos e lendas
46 tenham algum significado para as futuras gerações.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A expressão nominal definida “*O curupira*” (l. 1) introduz o referente por uma ativação não ancorada. O produtor do texto a utiliza como estratégia para ativar um endereço na memória cognitiva do leitor. Em seguida, esse referente é retomado e recategorizado por uma expressão

nominal predicativa, “*entidade mitológica do folclore brasileiro*” (l. 1), e ao mesmo tempo assumindo uma espécie de explicação sobre o significado do referente “o curupira”.

Novamente o referente “o curupira” é retomado por uma expressão nominal “*entidade da floresta*” (l. 12), que recupera o referente, sua característica e seu lugar de origem. Temos o uso de retomadas por nominalização. Esse tipo de retomadas acontece quando um referente textual é introduzido no texto e mais adiante é retomado por outro nome ou outro referente que corresponde aos elementos precedentes no cotexto.

Logo adiante, o autor usa uma expressão nominal de categorização e recategorização quando introduz a expressão “*malfeitores*” (l. 7), diretamente ligada aos termos *caçadores e lenhadores*. Nesse caso se confirma o encapsulamento dos termos caçadores e lenhadores, que, apesar de referirem a atividades diferentes, são usados pelo autor por ser perfeitamente inferível pelo leitor e também por marcarem sua posição pessoal atribuindo uma avaliação sobre a temática abordada.

Em outra ocorrência, o autor volta a utilizar essa estratégia em que usa uma expressão nominal “*atores de destruição*” (l. 13 e 14) para recategorizar caçadores e lenhadores e ainda acrescenta outras atividades que as nomeiam como madeireiros, barrageiros, mineradores, garimpeiros, agronegociadores e legisladores. Nesse ponto, nota-se que o autor usa essa expressão dando maior destaque ao termo “legisladores”, porque a partir do próximo parágrafo, esse termo tem uma função organizacional importante, pois sinaliza que o autor do texto está passando para um estágio seguinte de sua argumentação e que essa marcação negativa desse termo, atribui aos legisladores de forma explícita, que eles são os principais responsáveis pela destruição tanto da Floresta Amazônica quanto da Mata Atlântica por afrouxarem as regras ambientais.

Nesse sentido, o processo de rotulação e nas operações de categorização e recategorização de referentes, fica evidente o caráter subjetivo/argumentativo das escolhas feitas. A esse respeito, Koch (2008, p. 110) assevera que

pode-se certamente afirmar que tanto a categorização como a recategorização de um objeto-de-discurso têm função argumentativa. Ao recategorizar um objeto já categorizado anteriormente, o locutor o apresenta sob novas luzes, enquadra-o em novas categorias, procurando chamar a atenção para novas qualidades/propriedades deste que considera necessário enfatizar para a realização de seu projeto de dizer.

Fica visível, no entanto, que o uso desses recursos ajuda a construir o projeto de dizer assumido pelo enunciador.

A crônica 2, “*Eu e o vaga-lume*”, é um texto que faz o relato de uma experiência vivenciada pelo autor ao aderir a um protesto que teve como idealizadora a WWF, entidade que sempre faz alertas e manifestações sobre a proteção do planeta e seus recursos naturais. O texto também aborda uma questão que muitas vezes nos tornamos reféns dos eletrônicos, ao passo de nos irritarmos, caso fiquemos em abstinência da energia elétrica em nossas casas, além de nos afastar do convívio com a natureza como um simples fato de observarmos o céu estrelado ou os insetos como os vaga-lumes que possuem sua própria fonte de luz.

Crônica 2

Eu e o vaga-lume	
1	Sábado à noite aconteceu a Hora do Planeta, um protesto pacífico contra o
2	aquecimento global, numa iniciativa da WWF em 117 países. No Brasil, 72 cidades
3	aderiram à manifestação. Mesmo não havendo muita mobilização em minha
4	comunidade, resolvi apagar as luzes de nossa casa, em adesão à campanha, provocada
5	até mesmo – devo confessar – por um peso na consciência.
6	Interessante que, na falta de luz até por mais de 8 horas, a minha reação natural é
7	inicialmente de angústia e posteriormente de revolta contra a companhia de
8	eletricidade. Na noite de sábado, como a adesão foi voluntária, a sensação foi
9	diferente. A experiência levou-me a uma atitude reflexiva sobre o quanto sou
10	dependente de energia. A primeira percepção foi do silêncio que me “desligou” do
11	estresse do dia a dia e me fez repensar minhas atitudes em relação ao ambiente em
12	que vivo. A segunda experiência foi a de ver o céu estrelado e a lua radiante em plena
13	noite de março, coisa rara na Amazônia, nessa época do ano. Nesse momento, lembrei
14	que há muito eu não observava o céu e as estrelas. Pensei que talvez seja uma atitude
15	que eu deva tomar como rotina, para meu próprio bem-estar, quem sabe uma vez por
16	semana ou uma vez por mês.
17	Tentei compensar meu lazer assistindo aos noticiários pelo celular. Descobri que a
18	autonomia da bateria para a função TV é de apenas 30 minutos. Que pobre
19	dependência!
20	Então fiquei a refletir: e se a falta de energia fosse definitiva? Não poderia mais ver
21	televisão. Não haveria mais notícias pela internet. Não poderia mais me comunicar
22	por não conseguir mais recarregar meu celular. Não beberia mais água e cerveja
23	gelada. Não mais teria banho de chuveiro. Não teria mais como conservar os
24	

25	alimentos. Não haveria roupa lavada. Enfim, esses seriam apenas meus problemas
26	mais imediatos.
27	Quando comecei a pensar na logística de fornecimento de bens de consumo e serviços
28	que dependem de energia das mais diferentes fontes, pude então compreender que
29	seria um verdadeiro caos, quem sabe até mesmo o fim de grande parte da população
30	humana no planeta.
31	De repente, na escuridão da noite, percebi a luz esverdeada de um vaga-lume a
32	acender intermitentemente, como que me levando a refletir o quanto eu sou
33	dependente e ao mesmo tempo impotente quando o assunto é energia. Os vaga-lumes
34	são providos de um fenômeno químico conhecido como bioluminescência, que é a
35	transformação da energia química em energia luminosa, conferindo-lhes a beleza do
36	brilho esverdeado. Esse recurso é usado para a atração do sexo oposto. Isso mesmo,
37	a frequência do lampejo é uma espécie de código no namoro para a aproximação dos
38	pares. Decidi fotografar a inusitada fonte de luz.
39	Fiquei a imaginar que fonte de energia não se esgotaria. Todas que o homem manipula
40	esgotam-se: desde as primitivas como gordura de baleia e de peixe-boi, carvão,
41	petróleo, biocombustíveis, hidroelétricas, nuclear e até mesmo as que são ditas
42	renováveis, mas que dependem de baterias como a eólica e a solar. A do vaga-lume
43	não se esgota e quanto mais namoro mais vaga-lume e, portanto, mais energia.
44	Enquanto a maioria dos seres vivos necessita apenas da energia dos alimentos para
45	viver e movimentar-se, eu necessito do restante da energia do mundo para satisfazer
46	meus desejos de consumo e ser feliz: alimentação, vestuário, transporte, lazer e outros.
47	Como somos limitados e ao mesmo tempo prepotentes. Em matéria de produção de
	energia, bons mesmos são os vaga-lumes.

Ao introduzir o referente com uma expressão nominal “*A Hora do Planeta*” (l. 1), o autor instala esse referente na memória do leitor e ao longo do texto essa expressão vai sendo retomada e caracterizada conforme a proposta argumentativa adotada pelo escritor para ilustrar e comprovar seu nível de engajamento com as pautas que promovem a proteção ambiental, fazendo com que o leitor passe a refletir sobre suas ações e se sentir como parte de um processo de conscientização em defesa do meio ambiente e dos recursos naturais.

O referente “*A Hora do Planeta*” (l. 1) é retomado várias vezes pelos termos “*protesto pacífico* (l. 1), *a manifestação* (l. 3), *a mobilização* (l. 3), *a campanha* (l. 4) e *a experiencia* (l. 9)”.

A escolha de determinado termo para recategorização deixa claro o efeito de aproximação ou afinidade com o assunto abordado contribuindo com a proposta argumentativa. Isso fica perceptível quando o autor recupera o referente “*A Hora do Planeta* (l. 1)” com as expressões *protesto pacífico, manifestação e mobilização* (l. 1, 3 e 4). Esses três termos que foram utilizados nos dizem muito sobre a importância da temática e mostra que há alguém preocupado com essa situação mundo afora e que o leitor possa sentir um certo desconforto, caso não tenha despertado sobre os problemas que o mundo enfrenta em relação ao meio ambiente.

Depois o texto apresenta uma confissão muito pessoal do narrador quando usa a expressão “*resolvi apagar as luzes*” (l. 4), induzindo o leitor a pensar como se fosse um ato do qual ainda não estivesse convencido de que faria alguma diferença para o planeta, mas somos surpreendidos quando vimos que o fato de estarmos engajados nas causas ambientais, estamos fazendo um bem a nós mesmos. Nota-se que essa estratégia cria empatia entre autor e leitor.

Em seguida o autor retoma o termo “*apagar as luzes*” com as expressões nominais “*a adesão*” (l. 8) e “*a experiência* (l. 9)”, que retomam a ação feita por ele e caracterizar seu envolvimento no protesto contra o aquecimento global. Nota-se que essa postura mexe com a consciência do leitor, mostrando que um pequeno gesto pode proporcionar experiências valiosas e de certa forma o leva a se sentir como uma peça importante nesse processo, induzindo a se engajar em alguma ação voltada para a proteção ambiental.

Dessa forma, fica nítido que a escolha das nominalizações contribuem significativamente com a proposta argumentativa do texto e estruturando o projeto de dizer.

Passando agora para a análise da crônica 3, percebe-se um relato bem subjetivo sobre o dia mundial do meio ambiente, especificamente no ano de 2011, tendo como assunto uma dicotomia entre sustentabilidade e insustentabilidade, das quais o autor se posiciona e faz reflexões apontando vários aspectos que podem ser facilmente observados na região amazônica. Dentre estes está a destruição ambiental, o monopólio de recursos naturais, a corrupção de agentes públicos, o extermínio de grupos autóctones e a falta de assistência na área de saúde e educação.

O autor constrói seus argumentos em forma de críticas, denúncias e questionamentos para sensibilizar o leitor sobre as mazelas vividas por grande parte da população amazônica.

Crônica 3

	Dia mundial do meio ambiente 2011: a (in)sustentabilidade (pre)dominante
--	---

1	Fala-se e escreve-se muito sobre sustentabilidade no Brasil e no mundo. Reportagens,
2	crônicas, artigos científicos, entrevistas, teses, enfim uma infinidade de informações.
3	Experimente uma rápida busca nos sites de pesquisa da internet com a palavra-chave
4	“sustentabilidade” e veja que já existe um número aproximado de 19,3 milhões de
5	referências. Isso mesmo: 19,3 milhões de páginas tratando do assunto. Será que ainda
6	é por falta de tecnologias ou informação que a Terra padece de tantas mazelas
7	ambientais? Será que a maior parte da sociedade prefere mesmo viver a desordem e
8	o caos ao invés de ter uma vida saudável e digna? Ou será que uma minoria poderosa
9	se apropria vorazmente da maior parte dos recursos disponíveis em detrimento da
10	maioria? Neste dia Mundial do Meio Ambiente, eu preferi – confesso com pesar –
11	comentar sobre a insustentabilidade. Inicialmente sobre a insustentabilidade humana.
12	A insustentabilidade de crianças violentadas dentro do próprio lar, nas ruas e sem
13	escola. A insustentabilidade das drogas poluindo a alma e a mente de nossa juventude.
14	A insustentabilidade da falta de empregos e de oportunidade de empreendedorismo
15	para os jovens. A insustentabilidade da violência corroendo o nosso frágil tecido
16	social. A insustentabilidade da ignorância de grande parte de nossa sociedade, vítima
17	de um analfabetismo funcional crônico, que afeta tanto ricos quanto pobres. A
18	insustentabilidade da falta de solidariedade, que impede o altruísmo na busca de
19	soluções compartilhadas. A insustentabilidade de muitos de nossos partidos políticos,
20	transformados em feudos ou dinastias. A insustentabilidade da corrupção, que
21	enfraquece nossos governos e subtrai da sociedade a possibilidade de investimento
22	em áreas estratégicas como educação, saúde e segurança. A insustentabilidade de
23	nossa rede de informações que, centralizada, subtrai da sociedade a essência da
24	verdadeira realidade e ao mesmo tempo sua criticidade. A insustentabilidade da
25	impunidade, que passa à sociedade a sensação de que tudo é possível, desde que se
26	tenha poder. A insustentabilidade da omissão dos que teriam por dever de ofício ser
27	formadores de opinião para maior esclarecimento da sociedade.
28	Pensando na insustentabilidade ambiental, a pauta também é preocupante. Começo
29	pela insustentabilidade da Amazônia, a cada ano com menos floresta, com rios
30	assoreados e sem matas ciliares, já com extremos de secas e enchentes. A
31	insustentabilidade da Amazônia com mortes no campo, trabalho escravo e êxodo
32	rural. A insustentabilidade da Amazônia com o genocídio de sua população autóctone,
33	vítima indefesa da violência ou do contato com a sociedade “moderna”. A

34 insustentabilidade da Amazônia dos megaprojetos, que, gerando empregos efêmeros,
35 mais desarticulam a economia regional e a sociedade que promovem verdadeiro
36 desenvolvimento. A insustentabilidade da Amazônia com suas metrópoles inchadas
37 pela falta de planejamento urbano, carentes de infraestrutura de saúde, habitação,
38 esgoto e água tratada. A insustentabilidade da Amazônia pela sangria desenfreada de
39 seus recursos minerais com baixo valor agregado, poluição de rejeitos tóxicos e
40 redução de sua biodiversidade. A insustentabilidade da Amazônia pela “fagocitose”
41 praticada pelos monocultivos e pastagens sobre a diversificação das pequenas
42 lavouras familiares. A insustentabilidade da Amazônia pela insuficiência de
43 pesquisadores e extensionistas para a solução de crescentes desafios na geração de
44 conhecimentos e tecnologias que efetivamente sejam aplicadas no meio rural. A
45 insustentabilidade da Amazônia pela falta de uma legislação ambiental específica e
46 ausência de políticas públicas integradas e emancipadoras.

47 Refletindo, questiono como admitir no Brasil, país tropical de dimensões continentais,
48 problemas de ocupação do espaço geográfico? Como pode sobrar para as
49 comunidades mais carentes a ocupação de encostas ou vales inundáveis? Enquanto
50 populações inteiras de municípios rurais transferem-se para as metrópoles, em busca
51 de condições de vida e oportunidades que lhes foram subtraídas em seus locais de
52 origem, governos tentam remediar os problemas com paliativos que nunca satisfazem
53 os anseios da sociedade. Faltam nas grandes cidades moradia, hospitais, escolas,
54 segurança, esgoto sanitário, água potável. Sobra lixo a céu aberto, desemprego e
55 proliferação de favelas. Nem parece que estamos falando do
56 Brasil, país em que a carga tributária supera os 33% do PIB.

57 Nas grandes capitais, as poucas obras de urbanização que se presencia são de
58 implantação de condomínios fechados para atender necessidades de privacidade e
59 segurança da elite dominante. Penso que tudo isso é a relação de causa/efeito de uma
60 sociedade em que poucos centralizam renda e poder e muitos socializam os prejuízos
61 econômicos, sociais e ambientais, uma herança em nossa cultura do tempo das
62 Capitâneas Hereditárias. Nesse ambiente de (con)domínios e dominação, temo pelo
63 “efeito bumerangue”. Desculpem por escrever sobre tanta insustentabilidade neste
64 Dia Mundial do Meio Ambiente.

Logo no início da crônica 3, o autor usa a expressão “*sustentabilidade*” (l. 1) e que é nomeada na sequência como “*assunto*” (l. 5), sendo fácil observar e recuperar o referente citado na primeira linha do texto como se fosse uma forma de resumo da significação do referente.

Em seguida, o autor apresenta um referente com a expressão “*partidos políticos*” (l. 20), recategorizando de forma pejorativa como “*feudos ou dinastias*” (l. 21), claramente fazendo uma crítica pessoal aos partidos políticos de forma genérica, mostrando sua aproximação ou engajamento com o assunto e fazendo um desabafo sobre as péssimas políticas públicas apresentadas e executadas na região.

Mais adiante, foi reintroduzida a expressão “*insustentabilidade ambiental*”(l. 28), que logo é retomada e recategorizada com a expressão nominal “*a pauta*” (l. 28), retomando o termo mencionado e descrita como insustentabilidade ambiental pelos termos: menos floresta, menos rios assoreados, menos matas ciliares, secas extremas e enchentes, mortes no campo, trabalho escravo, êxodo rural e genocídio de grupos autóctones (l. 29 e 30).

Nota-se que a escolha feita pelo autor em nomear “insustentabilidade ambiental (l. 28)” pela expressão “a pauta (l. 28)”, mostra que ele não se sentiu satisfeito e foi descrevendo cada ação conforme sua perspectiva daquilo que realmente considera como ações que resultam em insustentabilidade. Com isso fica evidente mais uma vez, que a estratégia de nominalização contribui para a progressão textual, estabelecendo coerência e coesão ao sentido do texto, além de contribuir com a evolução da proposta argumentativa, assim como da evolução do discurso pretendido.

Analisando a crônica 4, percebe-se uma apresentação das riquezas em potencial da região amazônica, listando algumas ciências que são praticadas na Amazônia brasileira e como são criados os jargões, que na visão do autor, atendem aos interesses de correntes desenvolvimentistas e preservacionistas, além de fazer uma crítica as publicidades feitas sobre a Amazônia no exterior, sendo que mais se conhece da Amazônia em outros países do que no próprio Brasil. A crônica também aborda sobre as tecnologias exógenas, ultrapassadas que são ineficientes e que agridem ao meio ambiente, contribuindo com o desperdício de matéria prima aumentando a ineficiência e despejando resíduos ao solo e rios sem qualquer tipo de tratamento.

Dedicamo-nos, por fim, à crônica 4.

Crônica 4

1	Amazônia: o laboratório do mundo
----------	---

2	De tudo se experimenta na Amazônia: do empirismo à moderna tecnologia; Botânica;
3	Zoologia; Paleontologia; Geologia; Sociologia; Economia; Geoprocessamento;
4	Antropologia; Agronomia; Zootecnia; Climatologia; Ecologia. Só para relacionar
5	algumas das muitas ciências praticadas na região. São milhares de artigos publicados
6	diariamente no Brasil e no exterior. Aliás, é consenso que se conhece mais sobre a
7	Amazônia no exterior que no Brasil.
8	Neste contexto, inúmeros jargões são divulgados: “Amazônia, o inferno verde”;
9	“Amazônia: terra sem gente para gente sem terra”; “Amazônia: integrar para não
10	entregar”; “Amazônia, o pulmão do mundo”; mais recentemente “Amazônia de rios
11	voadores”. Se observarmos a cronologia desses jargões, pode-se deduzir que
12	representam o pensamento de correntes “desenvolvimentistas” do século passado e
13	de correntes “preservacionistas” do momento atual.
14	Não há dúvida de que a Amazônia deve ser preservada como um patrimônio de todos
15	nós brasileiros e da humanidade. Mas como aproveitar todo esse acervo de ciência
16	produzido na região e para a região? O problema é que essas informações encontram-
17	se dispersas no Brasil e no exterior e necessitam ser sistematizadas para que gerem
18	processos tecnológicos em benefício da região.
19	Enquanto a Amazônia permanecer como “almoxarifado” do mundo, continuará a
20	pressão sobre seu meio ambiente. Temos que desenvolver processos de transformação
21	e agregação de valor aos nossos minerais, produtos madeireiros e não madeireiros, de
22	origem animal, grãos, óleos vegetais e outros, gerando emprego e renda para os
23	amazônidas. Temos que ter uma política concreta de desenvolvimento regional e isso
24	depende da ação de governos federal, estaduais e municipais, que podem utilizar-se
25	de ferramentas como incentivos fiscais em determinados casos e tributação em outros.
26	A biodiversidade da Amazônia é uma característica regional que representa uma
27	riqueza potencial sem precedentes para a humanidade, pois pode revelar para o futuro
28	muitos produtos fitoterápicos, biofármacos, biocidas e outros. Porém, essa mesma
29	biodiversidade em geral remete a comunidade científica a uma dispersão de pesquisa
30	que não permite a sistematização de informações tecnológicas que possam consolidar
31	sistemas de produção sustentáveis para a região. Há necessidade de domesticação de
32	muitas espécies, mas a comunidade da Amazônia necessita urgentemente de
33	alternativas econômicas para se desenvolver e reduzir a pressão sobre o meio
34	ambiente. Isso demanda uma política específica de pesquisa e desenvolvimento para

35	a região. Na verdade, os processos de exploração mais agressivos ao meio ambiente
36	da Amazônia são exercidos pelos grupos econômicos mais capitalizados, que trazem
37	consigo uma tecnologia exógena nem sempre adequada ao manejo dos frágeis
38	ecossistemas regionais, resultando nas tragédias ambientais que anualmente temos
39	que capitalizar. Temos que reduzir a nossa ineficiência. Contrapõe-se ao déficit
40	energético necessário ao nosso desenvolvimento, o desperdício de dois terços de toda
41	a madeira tombada na Floresta Amazônica.
42	Há de se admitir um novo paradigma de convivência com o ecossistema da Amazônia.
43	Essa mudança só se processará quando for valorizado o maior recurso que a região
44	dispõe: o homem da Amazônia. É necessário mais investimento em educação para a
45	formação de uma sociedade mais humanística e consciente do valor de seus recursos
46	e da necessidade de sua preservação para as futuras gerações, sem o qual não haverá
	desenvolvimento sustentável e não deixaremos de ser a “cobaia do mundo”.

Publicado originalmente em 22 de setembro de 2009, no Blog Amazônia em Devaneios: amazoniaemdevaneios.zip.net.

Ao analisar a crônica 4, nota-se logo na primeira linha, a introdução da expressão “*na Amazônia*” (l. 1), a qual é retomada logo em seguida com outra expressão nominal de lugar e de valor equivalente pelo contexto, a saber “*na região*” (l. 4), notadamente, essa escolha seja para evitar uma repetição ou até mesmo levar o seu leitor a visualizar que o assunto abordado se refere a Amazônia como um todo, mesmo nas áreas mais remotas ou intocadas pelo homem. Nesse sentido, observa-se que ao renomear um termo já citado, o autor pode induzir o seu interlocutor a fazer uma leitura generalizada e construir o sentido do texto conforme a estratégia adotada e pretendida pelo locutor.

Mais adiante, o escritor insere algumas expressões nominais, às quais a sociedade em geral chama de jargões, mencionando como é conhecida por muitos, a região amazônica tais como: “*o inferno verde*”, “*o pulmão do mundo*”, “*rios voadores*” (l. 7 a 10). Essas expressões nominais carregam uma carga enorme de sentidos e de significados, dependendo do interlocutor a que tenha acesso as mesmas mundo afora. Inclusive o próprio escritor faz uma revelação de que essas expressões, cronologicamente, atendem aos interesses de correntes desenvolvimentistas e de correntes preservacionistas, mostrando assim, mais uma vez o poder e a importância das nominalizações na construção de sentidos e do projeto de dizer escolhido pelo locutor.

Em seguida, é introduzida a expressão “*almoxarifado do mundo*” (l. 18), que constrói o sentido de que a região amazônica é um lugar onde o mundo inteiro busca, explora suas riquezas da fauna e da flora, contribuindo com a destruição de sua biodiversidade além de extrair seus minérios de forma que não gere riquezas econômicas para a população deste local. Nesse sentido, fica mais uma vez comprovada que as nominalizações tem um poder de tecer críticas, atribuir valores e fazer avaliações pessoais contribuindo com a evolução do discurso e da sequência textual.

Portanto, fica perceptível a relevância da estratégia de nominalização na produção de crônicas com temática ambiental, visto que dessa forma enriquece e contribui com o projeto de dizer pretendido pelo escritor, evidenciando seu engajamento e sua proximidade com o assunto e com isso levar o leitor a construir os sentidos do texto baseados no seu discurso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tem como tema o estudo do processo de referenciação que envolve o fenômeno das nominalizações em crônicas com temática ambiental, publicadas em revistas eletrônicas. Para a sua constituição, estabelecemos três princípios norteadores, que apoiados ao objetivo geral e aos específicos nos ajudaram a evidenciar as estratégias de nominalização na e sua importância na produção de crônicas.

No primeiro princípio norteador, temos a expressão nominal de categorização e recategorização, na qual tem a função organizacional importante, visto que elas sinalizam quando o autor do texto está passando por um estágio seguinte de sua argumentação por meio do fechamento do anterior encapsulando por uma expressão nominal e também como uma atividade discursiva que acontece na interação verbal, na qual se fazem escolhas de palavras para constituir certos objetos de discurso. Isso se confirma na teoria pesquisada e na análise, ao observamos que as expressões nominais contribuem para o fechamento de um raciocínio e também projeta a elaboração do discurso e a progressão textual.

O segundo princípio norteador é verificar a rotulação ou expressão nominal que opera no encapsulamento de porções precedentes ou subsequentes do cotexto com a função de conectar e organizar o discurso escrito, operando na substituição de uma ou mais porção do texto, fazendo um movimento retrospectivo (anafórico) e prospectivo (catafórico).

Por fim, o terceiro princípio norteador é observar as expressões nominais com valor avaliativo, tal qual marca o engajamento do escritor, seu grau de crença no discurso adotado e como elas apresentam valores ideológicos na construção do discurso. Podemos sustentar essa declaração, pois nas crônicas analisadas e no embasamento teórico se confirmaram, visto que associando-as ao contexto sociocognitivo e observando critérios linguísticos e contextuais, nos quais se evidenciam fatores situacionais que indicam a aproximação e os valores ideológicos do escritor aos quais devem ser considerados para a interpretação e atribuição dos sentidos do texto.

Esclarecidos os princípios norteadores, o objetivo geral foi analisar de que forma a estratégia de nominalização como recurso argumentativo contribui para a construção do projeto de dizer no gênero textual crônica. Observamos, pelo estudo que realizamos do percurso da Linguística Textual, que o processo referencial não é um simples mecanismo de coesão e coerência que se estabelece entre frases como um recurso linguístico, apenas, e sim, que é, também, resultado da interação sociocognitiva entre os usuários da língua. Assim, constatamos

que, pelo recurso da nominalização, nas crônicas analisadas, introduz um referente na memória cognitiva do leitor e depois retoma o referente através de uma expressão nominal que recupera o referente com outro nome e que seja possível fazer uma retomada de elementos precedentes do texto.

Esses referentes nominais são recursos discursivos escolhidos com base em informações do cotexto ou do contexto e o sentido atribuído a esses referentes é construído de acordo com o conhecimento e com a realidade sociocultural dos indivíduos que estão envolvidos no processo de escrita e leitura da crônica. Constatamos também que a estratégia de nominalização é um recurso muito importante na argumentação e que assumem uma função organizacional do discurso que é essencial para a progressão textual, para dar sentido ao texto e para a marcação ideológica do discurso adotado, criando empatia do leitor com o assunto abordado.

Chegamos a esses resultados, a partir da fundamentação teórica que mobilizamos. Lembramos que elegemos como pressuposto teórico os estudos advindos da Linguística Textual. Nesta investigação, é de fundamental importância a obra *Clássicos da Linguística 1: Referenciação*, organizada por Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues e Alena Ciulla, obra essa que reúne trabalhos de estudiosos renomados internacionalmente como: Danièle Dubois e Lorenza Mondada, com estudos como “Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação”; Denis Apothéloz, com “Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual”; Jean-Claude Milner, com os estudos sobre a “Referência e correferência”; Denis Apothéloz e Catherine Chanet, com “Definido e demonstrativo nas nomeações”; Maria-Elisabeth Conte, com “Encapsulamento anafórico”; e Gill Francis, com “Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais”, dentre outros que contribuirão para nossa pesquisa.

Realizamos um estudo das seleções das expressões nominalizadoras, sendo possível determinar que elas exercem papel importante na coesão textual, garantindo a progressão e retomada de referentes, e também a aproximação do autor em face do assunto abordado. A análise evidenciou que a coerência se estabelece pela relação entre a linguagem, conhecimento e experiências de mundo e pela interação realizada durante a produção e recepção da crônica. Afirmamos, ainda, que a textualidade se mostra como resultado de todos os sete fatores defendidos por Beaugrande e Dressler (1997), o que torna um grupo de frases um texto, organizados com base nos conhecimentos linguísticos, chamados cotextuais e de conhecimentos de mundo, intertextuais. Nesse estudo, devemos destacar que as nominalizações são muito importantes pela condução do sentido que atribuem ao texto. É através dessas

expressões valorativas que aspectos da realidade sociointerativa se mostram. Nesse ponto, as crônicas se revelam como gênero muito interessante para o estudo das estratégias de nominalização, por se caracterizarem muitas vezes como argumentativas, tecendo críticas e apresentando o ponto de vista de quem escreve.

Após a realização de toda a pesquisa da teoria e realização da análise dos textos selecionados, podemos relatar algumas dificuldades encontradas, como a constituição do *corpus*, haja vista que alguns gêneros textuais limitam o uso das nominalizações. Assim, tendo escolhido a crônica, também foi difícil delimitar exatamente os casos em que ocorrem as nominalizações, as suas características, as suas funções, diferenciando-as das demais expressões nominais que também estão no texto. Quanto ao material para pesquisa há um número razoável de publicações sobre a teoria e o tema em questão, que de certa forma auxiliou muito na realização desse estudo, além das crônicas se mostraram um material com grande riqueza de linguagem para pesquisa, permitindo fazer uma análise satisfatoriamente esclarecedora da teoria pesquisada.

Justificamos essa escolha por considerarmos uma investigação importante do campo da Linguística Textual e pela necessidade de explorar um fenômeno que é um dos objetos de estudo dessa ciência e que vem ao encontro dos objetivos relacionados às atividades de leitura, produção e compreensão textual, alinhado à corrente de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso. Além disso, trata-se de uma temática presente em estudos que refletem diretamente no ensino da língua portuguesa, pelo fato de buscar compreender como as estratégias de referenciação, através da nominalização, se comportam nas atividades de escrita e de progressão discursiva. As contribuições de um estudo dessa natureza poderão fornecer aos professores, não só de linguagem, mas também de outras áreas do conhecimento, possibilidade de compreenderem melhor os mecanismos da produção, leitura e compreensão de textos de todas as naturezas e de temáticas variadas. Assim, temos o desejo de aplicabilidade dos resultados na prática de ensino.

Com todo esse aparato, certamente a abordagem do texto, especialmente da crônica, não será mais da mesma forma que vinha sendo realizada, porque, depois da escrita desta dissertação há mais subsídios e, certamente, um maior aporte teórico para o desenvolvimento das aulas, de modo que os alunos se tornem leitores e escritores mais hábeis.

Finalizada esta dissertação, o desafio que permanece é a prática de aulas de Língua Portuguesa que ajudem aos alunos utilizar a linguagem como uma ferramenta que os tornem

sujeitos na construção de seus próprios conhecimentos e os auxiliem na interação com o outro. Sob o olhar da Linguística de Texto sociocognitiva interacionista, buscamos um novo tratamento para o texto que implica nas relações humanas e sociais em conjunto com a linguística. Evidentemente, não era da nossa competência esgotar o trabalho que envolve as expressões nominais tais como chamamos de nominalização. Neste trabalho, focamos na busca por uma estratégia para trabalharmos com o texto, com isso, a luz da Linguística de Texto e o conhecimento das nominalizações, esperamos abrir novas possibilidades de ensino do texto em uma proposta ampliada, mais real, com base contextual. Por fim, é através do estudo permanente, da produção e da análise em diferentes gêneros que podemos aperfeiçoar o ensino de língua.

07. REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D. “Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques”. In: BERRENDONNER, A. e M-J REICHLER-BEGUELIN (ed), p.143-173.1995
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEAUGRANDE, R. de & DRESSLER, Wolfgang U. Einführung in die Textlinguistik, Tübingen, Niemeyer.1981
- BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à linguística, domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1. p. 261-301.
- CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). Referenciação. Clássicos da linguística 1. 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-265.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. Coerência, referenciação e ensino. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. et al. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (Orgs.). Linguística textual e ensino. São Paulo: Contexto, 2017, p. 129-146.
- CAVALCANTE, M. M. Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.
- CUSTÓDIO FILHO. Análise da referenciação por meio de traços de significação. In: FIGUEIREDO, M. F. et al (Orgs.). Textos: sentidos, leituras e circulação. Franca, SP: Unifran, 2014, p. 199-224.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- DIAS, Luciana C. Ferreira. Linguística textual e a análise do discurso: (em)bates e (de)bates de visões. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, ano 4, n. 7, p. 1-20, 2 sem. 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com>>. Acesso em: 9 nov. 2012.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995. Original publicado em 1966.
- NASCIMENTO, Evando. Texto, textualidade, contexto. In: SIGNORINI (Org.). [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 109-131.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcolm (ed.), *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge.1994/2003

FERREIRA NETO, J. A. O papel dos processos referenciais na orientação argumentativa do texto. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 10, n. 5, 2021, p. 251-271.

KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.1984

KOCH, I.G.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto. 1989

KOCH, I.G.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.1992

KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.1997

KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez.2002

KOCH, I.G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo, Martins Fontes. 2004

KOCH, I.G.V. Referenciação: Construção discursiva. Ensaio apresentado por ocasião do concurso para Titular em Análise do Discurso do IEL/UNICAMP, dez.1999

KOCH, I.G.V; L. A. MARCUSCHI. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, vol.14, no. Especial, p.169-190, 1998.

KOCH, I.G.V.; LIMA, M. L. A. C. 2004. “Sociocognitivismo”. In: MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina, *Introdução à Lingüística*, vol. 3, São Paulo, Cortez.

MARCUSCHI, L. A.; I. V. KOCH. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernadete (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas: Edunicamp, 2002 [1998].

MILNER, J.C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação. Clássicos da lingüística 1*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA, L.; D. DUBOIS. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. In: A. BERRENDONNER & M-J. REICHLER-BÉGUELIN p.273-302.1995

PEREZ, L. C. Alves. "Referenciação"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/referenciacao.htm>. Acesso em 08 set. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2.ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

SILVA, A. A. da: *Representações discursivas sobre Lampião e seu bando em notícias de jornais mossoroenses de 1927*. Natal, RN, 2016.